



GLOBALIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E O CONTEXTO MUDIÁTICO

GLOBALIZATION, EDUCATION AND THE MEDIA CONTEXT

*GLOBALIZACIÓN, EDUCACIÓN, CONTEXTO DE LOS MEDIOS
DE COMUNICACIÓN*

Maria do Socorro Pereira de Almeida ⁽¹⁾

Sérgio Luiz Malta de Azevedo ⁽²⁾

⁽¹⁾ Professora de Literatura com ênfase na área de Ecocrítica. Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada
E-mail: socorroliteratura@hotmail.com

⁽²⁾ Doutor em Geografia, professor associado do curso de Geografia da UAG - Centro de Humanidades, professor do Programa de Pós-Graduação em Ecologia humana e gestão socioambiental da UNEB.
E-mail: maltaslma@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre a gênese do processo de globalização, sua condição hegemônica na sociedade contemporânea e algumas consequências, muitas vezes deletérias, para a sociedade em geral. Esse trabalho é um estudo de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa e observa as perspectivas da globalização e das tecnologias informativas e comunicacionais que sustentam o aparato midiático, parceiro dos fundamentos capitalistas. Nesse contexto, é objetivo, também, observar como as questões apontadas podem atingir, de várias maneiras, as conjunturas educacionais e culturais e em que proporção isso ocorre no que concerne às implicações na educação e na relação sociedade-natureza. Buscou-se aparato teórico-crítico em várias áreas do conhecimento, a exemplo da filosofia, sociologia, Tecnologia, Ecologia Humana, Geografia e Literatura, tendo como base estudiosos como Zygmunt Bauman, Raymond Williams, Antonio Candido, Milton Santos, Félix Guattari, entre outros. Ao longo do trabalho, foi possível perceber que a escola é um dos pontos diretamente atingidos pela globalização e a causa de preocupação em discussões sobre educação, que ela precisa cumprir o seu papel, mas para que tenha bons resultados e um trabalho edificante e proveitoso, precisa do apoio do Estado no sentido não só de igualdade, mas também de equidade no processo de escolarização.

Palavras-chave: Globalização. Educação. Contexto Midiático.

Abstract

This article aims to reflect about the genesis of the globalization process, its hegemonic condition in contemporary society and some of its often harmful consequences for society in general. This paper is a bibliographical study with qualitative approach and observes the perspectives of globalization and informative technologies that sustains the media, partner of capitalist foundations. In this context, we also aim to observe how the topics discussed may affect, in several ways, the cultural and educational conjunctures and at what proportion it happens in what concerns the implications in education and in the relation between nature and society. Theoretical-critical foundation was sought in different fields of knowledge, such as philosophy, sociology, technology, human ecology, geography and literature, basing in authors like Zygmunt Bauman, Raymond Williams, Antonio Candido, Milton Santos, Felix Guattari, among others. Throughout the research, it was possible to realize that the school is one of the spots directly hit by globalization and a cause of concern in discussions about education. It is understood that schools need to play their role, but in order to achieve good results and a constructive and efficient work, it needs assistance by the State not only regarding equality, but also equity in the process of schooling.

Keywords: Globalization. Education. Metacritic context.

Resumen

El artículo objetiva reflexionar sobre la génesis del proceso de globalización, su condición hegemónica en la sociedad contemporánea y algunas consecuencias, muchas veces perjudiciales, para la sociedad en general. Este trabajo es un estudio bibliográfico con un enfoque metodológico cualitativo y observa las perspectivas de la globalización y de las tecnologías informativas y comunicacionales que apoyan la estructura de los medios de comunicación, compañeros de los fundamentos capitalistas. En ese contexto, también es nuestro objetivo observar cómo los problemas planteados alcanzan, de muchas maneras, las conyunturas educacionales y culturales y en qué proporciones esto ocurre con respecto a las implicaciones en la educación y en la relación sociedad-naturaleza. Hemos buscado bases teóricas y críticas en muchas áreas de conocimiento, por ejemplo, la Filosofía, la Sociología, la Tecnología, la Ecología Humana, la Geografía e la Literatura, estructurando el trabajo sobre el aparato crítico que se basea en los estudios de Zygmunt Bauman, Raymond Williams, Antonio Candido, Milton Santos, Félix Guattari, entre muchos otros. A lo largo del trabajo, ha sido posible percibir que la escuela es uno de los puntos directamente tocados por la globalización y, por lo tanto, motivo de preocupación en los debates sobre educación. La escuela necesita cumplir su rol, sin embargo, obtener buenos resultados y un trabajo edificante y útil, va a necesitar el apoyo del Estado, no solamente en el sentido de igualdad, sino también en lo de equidad en el proceso de enseñanza.

Palabras clave: Globalización. Educación. Contexto de los medios de comunicación.



1. Introdução

As raízes históricas da globalização, como fenômeno de uniformização de padrões socioeconômicos e culturais, remetem-se ao período de expansão das fronteiras do mundo ocidentalizado, a partir do século XV, através da europeização da América e, posteriormente, da Ásia e África. As grandes navegações foram mola propulsora nesse processo. Essa expansão ocorreu paralelamente ao surgimento da imprensa, a partir de 1455, o que demonstra certo grau de vinculação do desenvolvimento técnico à difusão de conhecimentos. O processo de difusão da comunicação granjeou outras esferas e a tecnologia de informação computadorizada, a partir da década de 1950, contribuiu para o aceleração do processo de globalização. Atualmente, a internet é um dos principais veículos de difusão de culturas e de processos interculturais, ela e outros meios de comunicação são responsáveis pelo espalhamento de aspectos ideologicamente traçados para o domínio das percepções socioculturais. Nesse processo se insere a educação, uma vez que não só os adultos, mas, especialmente, crianças e adolescentes têm seus pensamentos e ações mediadas por aparatos tecnológicos.

A condição hegemônica em que se encontra a sociedade pós-moderna, a rejeição e intolerância a qualquer tipo de diferença e as ações antrópicas em relação ao meio ambiente, fomentadas, principalmente, pelo estímulo ao consumo exacerbado instigado, em geral, pelas estruturas midiáticas, têm produzido resultados devastadores, não só para o humano diretamente, através de doenças e outros males, mas também indiretamente na medida que o planeta também sofre essa devastação.

Esse trabalho é um estudo de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa e observa as perspectivas da globalização e das tecnologias informativas e comunicacionais que sustentam o aparato midiático, parceiro dos fundamentos capitalistas. Observa-se também como os referidos aspectos atingem, de várias maneiras, as conjunturas educacionais, culturais e ambientais e em que proporção isso ocorre no concernente as implicações na educação e na relação sociedade-natureza. Buscou-se aparato teórico-crítico em várias áreas do conhecimento, a exemplo da filosofia, sociologia, Tecnologia, Ecologia Humana, Geografia e literatura, tendo como base estudiosos como Zygmunt Bauman, Raymond Williams, Antonio Candido, Milton Santos, Félix Guattari, entre outros.



Nesse contexto, procuramos entender o que é globalização, como ela funciona e se encaixa social e culturalmente. Em seguida, deixamos algumas reflexões quanto ao contexto educacional no redemoinho da globalização.

2 Entendendo a globalização

Atribuímos ao século XVI a virada da era antiga para era moderna, isso porque foi durante esse período que tivemos a maior e mais importante rede de transações comerciais e de conquistas de terras até aquele momento histórico, ficando aí caracterizada a globalização, inicialmente através das grandes navegações, que permitiram o contato e também as negociações entre nações, sem esquecer, no entanto, das tomadas de terras, das conquistas de povos e da escravização do homem e do meio ambiente por outros homens que exerciam, naquele momento, a dominação dos territórios invadidos.

Assim, o humano sempre desafiou as condições geográficas, subverteu as distâncias e rasgou as malhas do tempo em busca do que aprendeu a entender como desenvolvimento e esse, na verdade, seria o que lhe desse mais possibilidade de rentabilidade financeira e junto com ela, o poder de ser o juiz dos seus próprios atos além de se apropriar da vida de outrem. Com esses ideais, começam a nascer as cidades tipificadas de Cidade-Comercio e Cidade-Estado, sendo a primeira, alimentada pela produção excedente do meio rural, explorado e subjugado por quem achava que não tinha responsabilidade com esse mundo, a não ser de buscar o que era produzido à custa das “energias” do trabalhador do campo.

A segunda vem a partir do sentido de proteção daquilo que gerava lucro, as mercadorias, que não podiam ser roubadas ou danificadas e assim, nascem as organizações urbanas, a consequente divisão social e de status e o sentido do que e de quem seria “importante” naquele contexto. Desse modo, começam as trocas, também, até certo ponto, a interdependência entre o urbano e o rural. Nesse processo é que nasce a “máquina mercante” que cresce assustadoramente com o passar do tempo e no século XVIII, chega a iminente revolução industrial. Caminhando no processo de modernidade e modernização, o homem cria os primeiros meios de transporte em massa, trens, automóveis depois o avião, então o contexto de planetaridade foi se intensificando, as redes de relações societárias foram se formando cada vez mais rápidas e as negociações feitas com mais velocidade e lucratividade.

O capitalismo vai se tornando cada vez mais forte, o processo tecnológico se desenvolve rapidamente e toda essa gama de fatores vão influenciar de modo direto e indireto as relações humanas, as perspectivas educacionais e culturais, e atinge, de modo definitivo e violento, o meio ambiente. Todos esses aspectos mostram que estamos, definitivamente, dentro do



“redemoinho” da globalização, a qual condiz ao processo de quebra de fronteiras das relações humanas em todas as dimensões, cultural, econômica, social e política.

Nesse sentido, a globalização pode ser vista, principalmente, como a abertura e internacionalização dos mercados, o comércio, as transações financeiras e movimento do capital. Dessa forma, o advento da tecnologia de informação no século XX torna a globalização mais célere e notável. Zygmunt Bauman (1999) mostra que ela não é só um espalhamento de aspectos, mas interfere e influencia tudo que acontece em nossa vida em variadas dimensões. O autor chama atenção para o processo globalizador em todas as suas manifestações e dualidades, quando observa que esse fenômeno, ao mesmo tempo em que liga espaços, tempos e pessoas, acaba por dividir a sociedade na perspectiva financeira, enfatizando ainda mais as desigualdades de classe. A globalização, segundo o autor, é vista por uns de forma positiva e por outros como algo ruim, mas a verdade é que estamos em um processo irreversível, como bem enfatiza ele:

A globalização tanto divide como une; divide enquanto une e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo localizador, de fixação do espaço. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existenciais de populações inteiras e de vários seguimentos de cada população. (BAUMAN, 1999, p. 8).

Dessa forma, enquanto a Globalização se torna modelo e modo de vida, uma vez que não podemos mudar essa realidade e o que aparece para a sociedade é o que os meios de comunicação mostram conforme interesses próprios, ela coloca na perspectiva localista, a degradação social, já que tendemos a valorizar o que está distante em oposto ao que está próximo. Um bom exemplo disso são as mídias e telenovelas, pois é mais fácil ver alguém se emocionar em virtude de uma cena de novela, de um filme ou de um belo comercial, do que se chocar com a morte violenta do seu vizinho, ou com aquele do seu lado que está doente ou com fome. Aprendemos a ver programas com histórias ficcionais americanas, mas perdemos o contato com nossos vizinhos e familiares. Jovens fazem amizade com pessoas de outros países, cidades e Estados pela internet, mas não sabem quem é o colega ao seu lado na sala de aula, ou mesmo o que mora em frente de casa. Ressalta-se ainda, a condição de segregação numa mesma região através dos condomínios verticais e horizontais em que se hegemonizam uma estrutura de vida para algumas pessoas, diferente da realidade daqueles que as rodeiam.

Diante de tais aspectos, percebemos que, embora seja possível rastrear as origens históricas da globalização, não há ainda um consenso em torno do seu significado, sendo o termo utilizado para designar muitas coisas ao mesmo tempo. Estes significados têm, contudo, um ponto em comum: o fato de revelar a capacidade do homem de apropriar-se rapidamente,



através do desenvolvimento técnico-científico e dos sistemas de poder, das riquezas do mundo, especialmente através da exploração desmedida dos recursos naturais e do processo de compressão espaço-tempo do mundo pós-moderno, como vemos na percepção popularizada por David Harvey (2005), que mostra, claramente, a tendência dominante da aceleração do tempo decorrido entre a descoberta de um processo tecnológico e a sua transformação em produto para o mercado. A própria percepção do tempo e da realidade é afetada pelo progresso técnico das telecomunicações.

Outra questão relacionada aos processos de mudanças socioespaciais, provocadas pelo fenômeno da globalização, é a influência que as redes¹ exercem nas transformações sociais, a partir da rápida modernização e expansão das comunicações. Com o paradigma técnico-científico-informacional, as transformações operadas nos contextos dos processos de organização espacial tendem a redefinir os papéis dos agentes modeladores de territórios, como demonstra Santos (1994), ao propor que a análise geográfica dos circuitos espaciais da produção seja vista como um conjunto de elementos que estão fortemente interconectados por um grande número de relações, cuja complexidade cresce na medida em que a teia de relações amplia-se e torna-se cada vez mais incidente sobre o sistema geográfico global.

Dessa forma, o desenvolvimento técnico-científico tem permitido a complexidade das redes pelas inúmeras possibilidades de fatores que as articulam, a exemplo das redes de transportes com o desenvolvimento de aeronaves cada vez mais rápidas e eficientes, e dos sistemas de informação e comunicação. Esses dois últimos fatores apresentam fortes repercussões sobre a produção de imagens, como é o caso do marketing turístico, como observa Rodrigues (1999, p. 26) ao falar do imaginário das pessoas que é “fabricado”, e que gera e alimenta processos fantasiosos pela influência da mídia.

Toda a gama de consumo, fomentada pelo sistema comunicacional, traz a necessidade da preservação da ‘natureza’. A partir dessa assertiva, nascem os lugares de contenção, por assim dizer, criados pelas relações capitalistas, como forma de proteger pedaços de áreas no ideário de uma vida que se supõe ser ecologicamente correta. Criam-se parques florestais na tentativa de preservar algumas espécies confinadas em zoológicos, parques botânicos e outras áreas de preservação em que curiosos visitantes deixam-se explorar pela especulação capitalista, vendendo seu “tempo livre” para ver um pedaço de “natureza privatizada” (ALMEIDA; AZEVEDO, 2016, p. 137).

Observa-se que para a criação desses espaços, algumas vezes, famílias são deslocadas sob a justificativa de morar em áreas de risco ou para melhorar de vida em outro lugar com

¹ São muitas as conceituações de redes. Preferimos, por razões teóricas, adotar uma das possibilidades apontadas por Santos (2001, p. 263), que diz tratar-se de uma projeção concreta de linhas, de relações e de ligações, à semelhança das redes hidrográficas, que têm uma organização espacial bastante concreta, e das redes de telecomunicações que, contrariamente, possui ausência de linhas, no sentido concreto da palavra, e uma estrutura física limitada por um certo número de ligações, que chamamos de nós.



melhor estrutura, no entanto, são criados dentro ou ligados a esses espaços, condomínios verticais e horizontais por imobiliárias que compram partes desses espaços e oferecem aos futuros clientes um lugar paradisíaco, com uma qualidade de vida totalmente diferente da que levavam as famílias que lá habitavam. O lucro dessas imobiliárias é exorbitante, mas esse lucro, na realidade, é obtido em cadeia, ou seja, o preço cobrado pelo Estado por um espaço desse “quilate” é extorsivo, mas quem o compra está ciente disso e essa perda é recuperada na venda das unidades desses condomínios para pessoas de alto status econômico, evidenciando aí uma das formas mais comuns, hoje, de segregação socioespacial. Para o público alvo dos citados condomínios, no entanto, os meios midiáticos oferecem um lugar de “paz”, longe do caos urbano e com uma infraestrutura que promete ser a solução para todos os problemas e sensações de estresse, sem violência e com vizinhos que sejam da mesma “estirpe” social. Dessa forma, o homem que criou para si um mundo ‘infernal’ sai a busca desenfreada do suposto paraíso perdido e paga por ele na esperança de livrar-se da miserabilidade do mundo que ele mesmo alimenta.

2.1 Modernidade: tempo angustia e frustração

Falar de modernidade e de globalização implica falar de tempo, uma vez que a sensação coletiva é de falta desse bem, antes abundante e hoje extremamente curto. O homem sempre desafiou as condições naturais das coisas e o tempo foi um elemento bastante atingido na busca pelo “bem” que nunca chega e que nos faz acelerar cada vez mais em direção a essa busca.

Na condição atual, do que chamamos de pós-moderno, o tempo passou a não existir ou, por vez, é visto como objeto de valor, ou seja, estamos sempre atribuindo um valor ao tempo, por isso não temos tempo para fazer o que nos dá prazer. Esses aspectos têm um preço ainda maior, pois a negação do outro lado da vida terrena (prazeres, família, lazer) provoca a angustia, a frustração e a ansiedade, fatores que comprometem a vida do humano em todos os sentidos, inclusive a saúde corporal e mental e vai comprometendo, sequencialmente, as gerações. Podemos observar isso na fala de Jorge C. Soares (2013, p. 8) quando diz:

Na modernidade em curso também o tempo deixa de ser visto como uma riqueza, imaterial em sua essência, mas como um bem que nos falta. Desta forma, nossa relação com o tempo se torna cada vez mais negativa: ao correr atrás do tempo que nos escapa sempre, nos queixamos de nossa falta de tempo e vemos nesta falta um sintoma de uma sociedade que, no seu ritmo constante de aceleração, acaba por nos lesar em algo essencial aos nossos projetos de vida. [...] Acaba, porém, propondo ao homem que a sua condição existencial se resume à de simples espectador e consumidor, de tudo e de si mesmo e o tempo da modernidade acabou por ser instrumentalizado para este fim.



Severiano e Benevides (2013, p. 31), por sua vez, afirmam ser o tempo “um dos mais valiosos e raros objetos de consumo da contemporaneidade” e esse fato já era iminente no século XVIII ao lembrarmos da frase de Benjamin Franklin: “tempo é dinheiro”. Sendo assim, não existe tempo livre, pois mesmo nesse período considerado livre, o humano está preso a determinadas tarefas que lhe são impostas direta ou indiretamente, como academias, compras, passeios em shoppings para consumir, entre outros. Assim, não existe mais o ócio nem o tempo sem consumo. Nas cidades, até nos dois minutos do sinal de trânsito, temos à frente um aparelho visual midiático com inúmeras possibilidades de consumo, então não temos tempo livre bastante nem para decidir sobre a direção a ser tomada no momento em que estamos no trânsito.

Todos os aspectos citados, nos levam a refletir sobre o que fazemos, o modo como fazemos, sobre o que buscamos e o modo como buscamos, pois as gerações nos vão seguindo e agindo, já no âmbito cultural, a partir do que vamos deixando como legado, seja no contexto material, seja no que se refere ao pensamento em relação ao mundo e aos seres que nele habitam. Por isso, todos os nossos pensamentos e ações acabam interferindo, de algum modo, na educação e, conseqüentemente, na preservação ou devastação do meio ambiente.

O contexto histórico é importante porque não há presente sem passado, e muito do que somos ou fazemos é, também, reflexo de algo que foi dito, visto, vivido ou ensinado anteriormente e, com o meio ambiente não é diferente. É necessário entender fatos para que possamos preservar o que for bom e corrigir os erros que ultrapassaram o tempo. Ressaltando ainda o fato de que outros elementos, além do homem, compõem o grande número das manifestações da natureza e que, muitas vezes, devido à velocidade com que nos impulsionamos rumo aos nossos objetivos, esquecemos de considerá-los.

O homem tenta acompanhar a velocidade pós-moderna que o afoga de informações e são humanamente impossíveis de processar com a mesma rapidez, daí a condição fragmentada do homem pós-moderno já observada por Stuart Hall (2005) e Jean-François Lyotard (1993). A perspectiva cultural contemporânea é de consumo, influenciada diretamente pelos meios midiáticos que ditam o que se deve vestir, calçar, comer, que lugares visitar e até o que e como se deve pensar, aspectos que se afirmam no pensamento de Felix Guattari no livro *Caosmose* (2000).

Almeida e Azevedo (2016) observam que a indústria e o comércio se utilizam também do fator tempo em benefício próprio, pois o tempo, hoje, além de escasso também é utilizado como mais um dos meios manipuladores ao observarmos a invenção de artefatos técnicos, a exemplo dos celulares computadores, smartphones, iPhones, tablets, e outros produtos que constituem inovações, que são rapidamente difundidos pela mídia, como objetos de consumo de massa, demonstrando claramente a tendência dominante da aceleração do tempo decorrido



entre a descoberta de um processo tecnológico e a sua transformação em produto para o mercado e a obsolescência programada² de tudo que é produzido.

A perspectiva de valor temporal utilizada pelo capitalismo já é criticada há algum tempo, fato bastante evidente nas cenas do filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin, em que se observa, também, a busca por aparelhos cada vez mais eficazes no sentido de deixar o trabalhador cada vez menos tempo fora do ambiente de trabalho. Pela complexidade própria do tempo, não conseguimos mais separar o tempo transcorrido do tempo que imaginamos como suficiente para exercício das atividades, pois sabemos que não existe explicação para existência nem para a passagem do tempo, como já observa Sylvie Le Poulichet:

O que é tempo? Pergunta Santo Agostinho. Se ninguém me pergunta, eu sei, mas se me perguntam e eu quero explicar, não sei mais. Esse não saber gerado pela própria questão do tempo me parece essencial no campo psicanalítico. Nunca se poderá absorvê-lo completamente, qualquer que seja a suma teórica que se produza como resposta a questão. (1996, p. 8).

Nesse contexto, o tempo, hoje, se torna mais evidente na perspectiva psicológica do que cronológica, pois a angústia de não ter tempo suficiente para fazer as tarefas a que nos propomos no dia-a-dia dá a impressão de um tempo cada vez mais curto. A percepção temporal briga com a cronologia do relógio e logo vem a sensação de frustração de “deveres” não cumpridos e esses fatores acabam por se tornarem uma das causas da doença que hoje compromete a vida de toda sociedade, o estresse, que atinge não só os adultos, mas também as crianças são atingidas pelos desassossegos daqueles que a rodeiam.

3 A educação diante do caos

Grande parte dos jovens e adolescentes da sociedade contemporânea não tem contato direto com ambientes naturais a não ser para contemplação, tendo que pagar pelo acesso. A percepção sobre o ambiente natural e os animais alicerça a cultura, uma vez que a palavra cultura tem sua propriedade etimológica na perspectiva do cultivo. Por isso, a forma como se educa é, hoje, mais do que nunca, muito importante para o planeta, uma vez que, como afirma Gadotti, em *Pedagogia da Terra* (2000), temos que estar atentos para uma visão multilateral, pois um ato inconsequente em um determinado local pode alcançar a escala planetária.

² Simplificadamente pode-se inferir que tal processo significa reduzir a vida útil de um produto para aumentar o consumo de versões mais recentes.



Preparar os jovens/estudantes para a complexidade crescente do mundo globalizado é tarefa da escola deste século XXI. É certo que não é uma tarefa fácil, principalmente se considerarmos o fato de que as redes de relações que caracterizam a globalização, sejam elas econômicas ou culturais ou de qualquer outra ordem, encontram-se em fase de estruturação. Assim, é necessário concebê-las como um processo em construção.

É perceptível que, hoje, os jovens estão cada vez mais familiarizados com os aparatos tecnológicos, especialmente da tecnologia informacional. A criança que chegava nas escolas, anteriormente, para ser alfabetizada, era uma criança que tinha vivência em contato com a família, com a natureza, com as brincadeiras socializadas e interativas no âmbito de uma realidade humano-factual.

O aluno que chega hoje ao ensino básico, além da convivência familiar, tem um convívio de anos com a cultura midiática, sobretudo com os aparelhos celulares e, principalmente, com advento das redes sociais e a televisão; essa última apresenta grande interatividade com os sistemas telemáticos. Contemporaneamente, muitos desses alunos chegam com o domínio do uso de computadores e celulares, capazes de operar sites, softwares e aplicativos para acessar as redes sociais e jogos de entretenimento, artifícios que os fazem ser chamados de nativos digitais.

Pelo lado da desigualdade social, em especial da exclusão digital, nos deparamos com os que não têm acesso a essas “maravilhosas” máquinas. Dados divulgados pela Agência Brasil, a partir da Pesquisa Nacional de Domicílio Contínua (PNAD Contínua TIC, 2018) do IBGE, assegura que quase 46 milhões de pessoas não estão conectadas à internet, um pouco mais da metade desse percentual reside no campo (53,2 %). Assim, nota-se que a situação é muito pior na área rural do país.

Essa realidade torna-se mais um desafio na educação contemporânea visto que, uma parcela significativa de brasileiros está, de fato, excluída do acesso às Tecnologias da informação e comunicação aplicadas à educação. Para que não voltemos a um passado, pelo menos do ponto de vista normativo, em que poucos tinham acesso à escola, por se entender que a instrução e o direito à escola eram destinados apenas as oligarquias locais e regionais é preciso que algo seja feito nessa direção.

Diante de tais constatações, é nessa perspectiva que entram ou deveriam entrar as ações governamentais de cunho educacional, como instrumento de promoção de igualdade no processo de escolarização. Nesse contexto, a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) incentiva a introdução das tecnologias nos diferentes níveis de ensino, para que o educando possa, no decorrer da aprendizagem, apresentar: “O domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna”. (LDBEN 9.394/96, art. 36). Por



outro lado, as DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) também preveem esse processo para o ensino Fundamental e Médio, assim como o recém aprovado Banco Nacional Comum Curricular – BNCC que se baseia na ideia de itinerários formativos através dos quais se opera o currículo prescrito para a escola na contemporaneidade.

Diante desse contexto, nos sentimos provocados a observar que boa parcela das escolas particulares no Brasil têm interesse na operacionalização desses instrumentos e ações educativas, não porque vão beneficiar o estudante, mas para não perder a “clientela” frente a eventuais concorrentes. Assim, é razoável considerar que a maioria das escolas particulares apresentem uma boa ambientação (infraestrutura), que nos leva a acreditar na efetiva eficiência da gestão escolar e adotam concepções de ensino que, em geral, reduzem o papel do estudante e do professor a contingências que visam a reprodução de conteúdo previamente conhecidos. Enquanto isso, do outro lado da sociedade crianças e adolescentes lutam, desesperadamente, por uma vaga nesse novo mundo que parece está cada vez mais distante delas até pela velocidade com que as coisas acontecem, ou seja, quando elas conseguem chegar a um determinado ponto, o outro percentual da sociedade já está muito distante para o alcance.

Nesse caso, no ambiente escolar de um modo geral, percebe-se que são comuns a utilização de atividades mnemônicas e repetitivas, do tipo “aulão”, simulados; só para citar algumas das estratégias que visam aprovação no exame nacional do ensino médio – ENEM e de vestibulares. Assim, parece fundamental que a escola dê respostas à questão da globalização, favorecendo o desenvolvimento de situações de aprendizagem que permitam, por um lado, o entendimento de um mundo complexo e constantemente modificado pela aceleração dos tempos e novas relações espaciais e, por outro, o fornecimento da orientação que permita navegar através dela. Um dos pressupostos dos quais se pode partir, e que poderá ajudar na dinâmica de compreensão dos espaços da globalização no ensino, é o entendimento do conjunto dos processos que lhe dão existência e que se concretizam em um determinado lugar. É tentar mostrar não só um contexto localista, mas as relações entre eles pelo mundo através de várias formas de ligações que os unem e separam ao mesmo tempo.

Sem dúvida, um dos maiores desafios nos tempos da globalização, é a criação de processos de ensino-aprendizagem adequados à compreensão dos novos tempos. Nesse sentido, destaca-se a necessidade da escolarização para construção da cidadania, as condições para conviver com o inusitado, a autonomia, o respeito às subjetividades, o desafio de entender e agir para reverter as desigualdades sociais, a pluralidade social, as identidades locais e o meio ambiente. Esses aspectos tributários do contexto de modernização das relações sociais contemporâneas, se edificados consistentemente, como bem coloca Delors, (2003), favorecerão o processo do aprender a ser, do aprender a buscar informações/a fazer, do aprender a



conviver/a viver, do reconhecer as heterogeneidades tomando consciência das semelhanças e da interdependência entre os povos. Nesse sentido, Kaercher, que assevera:

Se conseguirmos fazer com que os nossos alunos ouçam o seu irmão com respeito e atenção, então estaremos contribuindo para o respeito ao outro, diminuindo os preconceitos, deixando de passearmos no escuro da intransigência. O aprender a ouvir o outro com respeito e atenção é um exercício pedagógico difícil que, nós professores, podemos ajudar a praticar. (1998, p. 16).

A palavra de ordem é *aprender a aprender*, ou seja, aprender a prestar atenção, mobilizando o raciocínio de forma seletiva para pensar por conta própria, tomar decisões com criatividade. Isto é decisivo para o desenvolvimento do estudante no contexto da globalização, sobretudo numa sociedade dominada pelas imagens televisivas e pela internet, em que a quantidade e a velocidade de informações tendem a deixar as pessoas fragmentadas.

As mudanças decorrentes da globalização atingem a sociedade como um todo. O lugar onde se mora, por exemplo, não pode mais ser compreendido por si só, mas, na maioria das vezes, por interesses externos que ultrapassam e atingem o local, a região, o nacional, o internacional. Exemplo disto é a capacidade de mobilizar milhões de dólares através de um computador em apenas alguns segundos, interferindo diretamente no funcionamento da economia mundial e, conseqüentemente, nas relações sociais do menor povoado dos países subdesenvolvidos, até os grandes centros urbanos do mundo. Também se evidencia o ‘poder’ de interferir nas instâncias das relações que se dão na esfera do meio ambiente, das relações sociais e das subjetividades humanas atingidas, principalmente, pela mídia que manipula, através da criação de subjetividades coletivas.

O contexto passado através da mídia, especialmente da televisão e da internet, já vem interpretado, de modo que retira dos indivíduos a possibilidade de agir criticamente, entre esses indivíduos estão crianças e adolescentes. Ressalta-se, também, que grande parte da população de adultos não consegue enxergar o contexto alienatório em que vive e que é manipulado pelas relações capitalistas, como observa Severiano e Benevides:

As novas estratégias de dominação do capitalismo contemporâneo e seus mecanismos de controle transmutam-se, produzindo um agenciamento empresarial de diversos setores da vida pessoal e tempo de trabalho, deixando por vezes, em estado de completa desorientação a crítica social e suas tradicionais formas de resistência. (2013, p. 49).

As sociedades são vistas pelos meios de comunicação como homogêneas, ou seja, não se reconhece as especificidades de cada grupo, posicionamento ideológico que, de acordo com Raymond Williams (2011) é profundamente burguês. O autor mostra três bloqueios ideológicos provocados pelos meios de comunicação, entre eles se destaca a tendência de se ignorar a



comunicação natural em razão da linguagem tecnológica, ou seja, esquecemos que, naturalmente nos comunicamos através da palavra, do gesto, do toque e passamos a usar apenas a comunicação abstrata dos meios técnicos, até porque, como é da essência humana, queremos sempre dominar as técnicas, então a submissão à tecnologia é inevitável.

Dessa maneira, o fator ideológico por trás do mecanicismo aparente age nas relações sociais e culturais quase que imperceptivelmente e de modo aparentemente desprezioso. É nesse sentido que, para o autor, os meios de comunicação podem ser considerados como produtos e produtores de culturas e ações. Williams (2011, p. 76) observa que entre os tipos de meios de dominação dois são mais nocivos e de interesse da burguesia para operar o poder de manipulação:

Há uma relação razoavelmente direta e importante entre os poderes relativos de amplificação e duração e a quantidade de capital em sua instalação e uso. É obviamente muito mais fácil estabelecer um monopólio capitalista ou de capitalismo de Estado com a radiodifusão do que com o uso de megafones. Tais monopólios ainda são de importância social e política crucial. (WILLIAMS 2011, p. 77).

Diante de tais fatos, é importante refletir sobre o emprego de interesses passados subjetivamente pelos meios de comunicação de grande abrangência como a TV e a internet. No entanto, verificamos que o contexto midiático vai muito além dos meios audiovisuais, a nossa vida hoje é permeada por cores, formas, sinais e escritos que estão sempre dizendo algo a mais do que aparenta. Em tudo que olhamos tocamos ou usamos tem uma ‘mensagem’ que provoca um sentimento ou uma necessidade que leva ao consumo.

Nesse sentido, as compras dos gêneros de primeira necessidade são feitas em meio a um aglomerado de ofertas, na maioria das vezes, forjadas. Os produtos expostos, estrategicamente, para fomentar o interesse, cercam o indivíduo em um espaço de vida sem saída, a não ser pelo consumo. Nas ruas os cartazes falam, gritam, chamam a atenção e oferecem os mais variados produtos e serviços. Os produtos usados no dia-a-dia estão sempre mudando de embalagem, cor e sabor para ganhar a simpatia do consumidor e, conseqüentemente, a concorrência de vendas. As marcas estão estampadas de tal modo que não se calça o sapato, mas a marca que ele carrega visivelmente para que todos possam ver, admirar e buscar tal produto a qualquer preço.

As crianças se encantam com tantas sandálias, carrinhos, bonecas que oferecem status, posições sociais, beleza, coragem, entre outros ‘valores’. Sapatos e roupas que transformam meninas em princesas, bonecas que são símbolo de tudo o que uma menina gostaria de ser e de ter como é o caso das “Barbies”. Carrinhos que voam ou fazem manobras mirabolantes provocam o ego dos meninos. Artefatos que oferecem todo um sentido de vida diferente do que



as crianças veem em suas rotinas de escola, e de casa, são mostrados de forma encantatória. Dessa forma, a criança é atingida como se fosse ferida pela seta do cupido e passa a querer, muitas vezes, mais do que os pais lhe podem dar, uma vez que os meios de comunicação chegam aos lugares mais ermos e às populações mais pobres, mas o poder aquisitivo continua muito longe de muitas famílias.

Os alimentos, além do sabor, passam sentidos de vida, sentimentos inusitados e perspectivas de prazer que, muitas vezes, já não são mais possíveis por falta de tempo, como se pode ver em comerciais de margarina, achocolatados, iogurtes, refrigerantes, só para citar alguns. Ao escolher um alimento, não se consome o produto, mas o que ele oferece e as crianças não são as únicas atingidas, pois jovens, adolescentes e adultos pasmam diante de aparelhos celulares e computadores que oferecem soluções para tudo e todos. Assim, toda sociedade é atingida pelos apelos de consumo. O modo como são apresentados produtos, a exemplo dos automóveis, deixa implícito a valorização da máquina em detrimento do humano. Para cada público, em qualquer lugar, há sempre algo oferecido pela mídia.

Diante dessa realidade, pouco se pode fazer com relação aos valores morais e éticos, uma vez que em todas as direções existe apenas o ter e o querer, sem que haja tempo de pensar no como conseguir esses bens sem produzir risco à saúde mental e corporal e sem passar por cima do maior bem da humanidade que é o meio ambiente. A escola, em meio a tudo isso, não pode desconstruir valores que são edificadores do ser humano e que são disseminados erroneamente para as crianças e jovens. Não podemos ignorar o fato de que grande parte da população, especialmente crianças e adolescentes, passam o tempo destinado ao ócio diante dos aparelhos midiáticos e, muitas vezes, até o tempo que seria para cumprimento de tarefas como leituras e estudos em geral, é investido com esses aparatos tecnológicos.

Dessa forma, o lazer e o prazer são confundidos com a dedicação aos meios midiáticos que ditam regras de consumo, de práticas pessoais e sociais e interferem diretamente na educação, na formação e nas relações sociais, também fortalecem, de certa forma, o distanciamento entre o humano e aquilo que ele imagina como natureza, uma vez que o homem não se inclui como parte dela, porque aprendeu que esse ambiente natural em que se inserem fauna e flora é apenas para o seu deleite.

Assim, a natureza primeiro tida como divina, contradiz aos aspectos de uso empreendidos a ela, daí a percepção ocidental de que ela foi criada pelo “monarca absoluto” (Williams, 2011) para que o humano, como ser superior, possa utilizá-la conforme suas necessidades que, na verdade, não passam de interesses cada vez mais ambiciosos e ousados, sem o devido respeito aos limites de uso dos recursos terrestre.



Desse modo, a indústria da comunicação trabalha baseada em grandes grupos empresariais e segue um modelo “francamente propício ao domínio planetário por megas corporações!” (MORAES, 2011, p. 15). Assim, o concreto dá lugar ao abstrato através da digitalização de dados e do descarte cada vez mais rápido de informações e até de cultura, como observa Guattari (2013), é o controle da subjetivação global.

Todo esse sistema assegura a hegemonia social e sustenta a rentabilidade e o lucro, sendo, então, uma globalização de mercados, uma vez que a internet se consolida como canal de difusão planetária. No entanto, a internet pode, também, trazer, de forma eficiente, respostas beneméritas ao encaminhamento de inúmeras questões sociais, a exemplo da difusão de publicação de trabalhos científicos que muitos contribuem com professores, técnicos e estudantes e com a sociedade em geral. O problema está no modo de acesso a esses bens e o uso indevido do conteúdo encontrado. Com um bom acompanhamento, o estudante pode aumentar o seu nível de conhecimento usando a internet. Entretanto, atitudes maléficas no uso dessa rede, a exemplo das *fake news*, prejudica os sujeitos usufrutuários da internet.

4. Considerações finais

Diante das reflexões consideradas, podemos dizer que a escola, evidentemente, é atingida pela globalização e é para ela que são dirigidas as preocupações de formar o cidadão do século XXI. O que se espera, é que a escola cumpra o seu papel adequadamente, estimulando o educando a desenvolver raciocínio crítico para compreensão dos problemas da globalização, e para a efetiva busca de soluções que promovam o desenvolvimento humano na perspectiva de transformação da escola do fracasso, calcada na mera transmissão de informação, para a escola do sucesso, cujos pilares se assentam na necessidade de formação de sujeitos críticos e humanamente justos.

Entretanto, conclui-se que para escola ter um bom resultado e um trabalho edificante e proveitoso precisa do apoio do Estado, que nem sempre dá a atenção esperada à escola, porque, essencialmente, busca atender a reprodução dos seus próprios interesses.



5. Referências

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. Meio ambiente na contemporaneidade: significados e sentidos. In: *Revista GeoSertões* (Unageo/CFP-UFCG). n. 1, vol. 1, jan./jun. 2016. <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php>

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização, as consequências humanas**. (trad. Marcus Penchel) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (9394/96). Diário Oficial da União, Brasília, 24 dez. 1996.

BRASIL, Base **Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf Acesso em: 23 de out. 2019.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. 2ed. São Paulo: Cortez. In: **Os 4 pilares da Educação**. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1993. (original em francês)

_____. **Caosmose, um novo paradigma estético** (trad.) Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: editora 34, 2000.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica – cartografias dos desejos**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** 10ª ed. (trad. Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Anablume, 2005.

KAERCHER, Nestor André. **Ler e Escrever A Geografia Para Dizer a sua Palavra e Construir o seu Espaço**. In: Blauth Neli; Damiani Anelisa; Schäffer Otero *et al* (orgs.). Ensinar e Aprender Geografia. Porto Alegre: agb-Porto Alegre, 1998.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MORAES, Denis. **O concreto e o virtual, mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

POULICHET, Sylvie Le. **O tempo na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. (original em francês)



RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SEVERIANO, Maria de F. V.; BENEVIDES, Pablo S. Tempo livre consumado: indústria cultural, consumo e novas tecnologias no contexto do novo espírito do capitalismo. In: EWALD, Ariane p.; SOARES, Jorge Coelho; SEVERIANO, Maria de F. V. e AQUINO, Cassio Braz de. **Tempo e subjetividades: perspectivas plurais**. Rio de Janeiro: 7 Letras: Pequeno Gesto, 2013.

SOARES, Jorge Coelho. Apresentação. In EWALD, Ariane p.; SOARES, Jorge Coelho; SEVERIANO, Maria de F. V. e AQUINO, Cassio Braz de. **Tempo e subjetividades: perspectivas plurais**. Rio de Janeiro: 7 Letras: Pequeno Gesto, 2013.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 439 p. (original em inglês)

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Trad. Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.